

SOU GENTE

(MONÓLOGO PARA MENINA PEQUENA)

Eu tenho um pesar comigo,
Bem fundo, dentro do peito,
Porque vejo com tristeza.
Que ninguém me tem respeito.

As pequenas lá da escola,
Quando, zangada, lhes ralho,
Voltam-se umas para as outras:
— « Não querem ver o *pirralho*?! »

Eu bem sei que sou criança,
Mas gente já sou também;
Penso cá no meu bestunto:
Ou sou gente, ou sou ninguém.

E a criada da casa?!
(Que grande raiva me mete!)
Não me quer chamar senhora,
Só me chama seu *pivête*.

Às vezes a minha mestra,
Quando está impertinente,
Diz-me assim: — ó rapariga,
Tu pensas que já és gente?!

Tudo isto me arrelia;
'Stou num nervoso constante;
Pois então para ser gente,
É preciso ser gigante?

Outras vezes, se em conversa
Quero meter o bedelho,
Brada logo minha mãe:
— Cale-se lá, seu *fedelho*!

Ensinaram-me umas tias
Que eu tinha, já muito velhas,
Que não se media o burro
Por suas grandes orelhas.

Manda-me fechar o bico,
Que vá tratar d'outro ofício,
E os manos dizem a rir:
— « Já quer dar leis o *respicio*!... »

Sou pequena?!—E que tem isso?—
Um dia serei maior...;
Pequena, sim; mas sou gente:
Sou gente, sou, sim senhor.

O meu pai, que bem conhece
Que sou muito sua amiga,
Também não poupa o dizer-me:
— « Já tem catarro a formiga!... »

Sou gente; não sou *respicio*,
Nem *pivête*, nem *pirralho*;
Que sou gente vós bem vêdes,
Já vos mostrei quanto valho.

P. E ZAMITH.

A SENHORA DOUTORA

Dizem que qualquer jumento,
Se é de livros carregado,
Se torna maior portento
Do que um bacharel formado.

Sinapismos não receito,
Nem de iodo a tintura;
E, se vos doer o peito,
Prometo dar-vos a cura

Eu sinto em mim não sei quê,
Que para os livros me empurra;
Mas suponho — já se vê —
Que não sou nenhuma burra.

Com bons bifés de vitela,
Bôa canja de galinha,
Muito linda e amarela;
E por cima uma pinguinha.

Muitas vezes até sonho
Que me fadou minha sina
Para um futuro risonho:
— Ser doutora em medicina!

Q'reis-me, pois, vossa doutora?
— De certo, sim; porque não?
Só se fôr porque, já agora,
Vos'stou dando uma injeção.

Se o sonho certo me sai,
Se é verdade o que êle diz,
Vianenses, exultai,
Sereis um povo feliz.

Mas outras não vos darei;
Mêdo de tal não tendes,
Que dos remédios, que eu sei,
Sempre heis-de chorar por mais.

Quando eu haja de mandar
Receitas para as boticas,
Só mandarei aviar
Coisinhas bôas e ricas:

E depois... faço a promessa
(Consenti-me que vos diga):
Nem vos abro a cabeça,
Nem vos furo a barriga,

Açucar cãndi, emulsão,
Rebuçados milagrosos,
Receitas, que boas são
Para o paladar dos gulosos.

Nem pernas, nem braços corto,
Nem deito pontas de fôgo;
E, tendo de abrir um morto,
Dou às de Vila Diogo.

Um xarope adocicado,
Um lambedor — um confôrto!
Em vez de vinho quinado,
O loiro vinho do Pôrto.

Podeis, pois, estar descansados,
Podeis confiar em mim;
Que entre os médicos formados
Nenhum achareis assim.

E os pais
estão mesmo a dizer: — Vê lá se cais!
Por aqui, por aqui, por êste lado,
de-vagarinho,
que tu és um passarinho
muito pequeno. Cuidado!
Sim, quando fôres grande, então voarás,
serás capaz
de subir, de subir, de subir pelo ar,
e de ir subindo,
cantando e rindo,
sempre a voar,
lá tam alto, que o sol fique pèrtinho
de ti, meu pobre e lindo passarinho!...

AFONSO LOPES VIEIRA.

A MARIA DAS FESTAS

Eu gosto muito de festas,
Tôda eu com festas me enleio,
E penso que o gostar delas
Não é gôsto mau nem feio.

Se oiço os pratos duma banda,
O Zé P'reira a zabumbar,
Sinto-me logo imersa
Numa alegria sem par.

Em eu ouvindo um foguête
Lá nos céus a estralejar,
Não sou senhora de mim,
Fico já tôda no ar.

Se vejo dançar o «vira»,
Eu quero dançar também;
Se oiço cantar, também canto,
E creiam que canto bem.

Ouvindo falar de festas,
E' como um choque que tomo;
Já não penso noutra coisa,
Já não durmo, já não como.

Quando me cheira a arraial,
Já se vê, 'stou lá caída;
Se faltasse àquela festa,
Por certo perdia a vida.

PADRE ZAMITH.

É feliz quem trabalha

Eu nunca fui mui tentada
A jogar na lotaria.
Deu-me na bôlha outro dia
— Que bôlha tam desastrada! —
P'ra me habilitar, comprando
Uma cautela de seis.
Eram duzentos mil reis,
Se a roda andando, andando,
Fizesse que a taludinha
Ao 1.011 saísse.
Por mais que aos santos pedisse,
Foi sorte infeliz a minha.

Eu sou pobre como Jó,
Mas tinha o cálculo feito:
— «Se me saí coisa com geito,
Eu é que não fico só.
Boto pregão no jornal,
Ofer'cendo a minha mão.
Não faltará figurão,
Que, ao ler anúncio tal,
Venha logo, em continente,
P'ra noivo meu se ofer'cer.
; Que par galante há-de ser!
Há-de pasmар tôda a gente!» —

Pensava assim; senão quando
Cáio na grande tolice
De dizer isto à Alice,
Que logo se põe troçando:
«Duzentos mil réis! — dizia —
Duzentos mil reis é nada!
'Stou também habilitada,
Mas terei maior maquia.
Se a taluda vem a cair
No meu rico 1.030,
Hei-de comprar uma quinta,
Ao estrangeiro hei-de ir;

Terei pulseiras, aneis,
Terei jóias de brilhantes;
E tu serás como dantes
Só com duzentos mil réis».

Assim me dizia Alice
E punha-se a rir de mim...
Que eu nunca vi coisa assim!...
Até me causa perrice...

Afinal a roda andou;
Não nos valeu seu andar,
Poi ficamos a apitar,
Que a sorte grande falhou.
Perdi o noivo sonhado,
E ela os contos de reis.
Mas o que vós não sabeis
E' qual foi o resultado:

E' que a nossa professora
Lançou mão da ocasião,
Resolveu fazer sermão
Logo, logo sem demora.
Assentou-se na cadeira,
Pôs os vidros no nariz,
E, sem mais, logo nos diz
A incansável palradeira:
«Há um só meio, que eu veja,
De a gente se enriquecer,
De fazer-se apeterer,
De aos outros causar inveja:
Val'oiro, val'diamantes,
Não sei o que êle não valha;
Vou-vos dizer quanto antes:
— *Só é feliz quem trabalha*».

Nem pio...

(Monólogo)

A minha bôca é sagrada ;
Não digo mal de ninguém,
Sou pessoa respeitada ;
Tôda a gente me quer bem.
Eu pod'ria, se quisesse,
Badalar o que soubesse...
Mas não tenho êsse feitio...
Nem pio...

E por cautela... com mêdo
De contar tudo o que sei,
Levantei-me um dia cêdo
E os dentes todos tirei.
Já nem dizem os descrentes
Que dou com a língua nos dentes...
Eu não os tenho..., assobio!...
Nem pio...

O céu da bôca de prata
Há muita gente que tem ;
Mas da língua é que se trata...
Como eu tenho..., mais ninguém...
E do dia a qualquer hora
Posso andar co'ela de fora
Que a ninguém eu arrelio!...
Nem pio...

Desdentei-me... e não contente...
A minha língua afinal
Não é como a da outra gente!...
Não é de carne... é de metal!...
E' língua pouco barata...
Tenho uma língua de prata...
E é na língua que me fio...
Nem pio...

E o aceio extraordinário
E o brilho que a língua tem!...
Língua limpa é necessário...
Língua suja não convém!...
Ter má língua é muito feio,
Das línguas tenho receio...
E, se delas desconfio...,
Nem pio...

Não posso dar mais à língua,
A' língua não posso dar ;
De bons ditos tenho míngua,
E não vos quero *massar*.
Porém, se a *língua de prata*
Me foi hoje muito ingrata
E nada vos distraiu...
Nem pio!...

ALEXANDRE DA COSTA.

Era uma vez...

Era uma vez... Vou contar-lhes
Uma anedota engraçada; (*Ouve-se um pequeno sussurro*)
Mas haja pouco barulho,
Áliás não conto nada.

Era uma vez... (*Repete-se o barulho*) Mas silêncio!...
¿ Quem 'stá p'ra aí a falar?!
Parece que se apostaram
A fazer-me embatucar!

Era uma vez... (*Vai fechar a porta*) Mas que raiva!...
E' com isto que eu embirro...
Deixaram-me a porta aberta,
Agora... (*Dando um espirro*) é certo... um... espirro! (*Espirra*).

Era uma vez... (*Olhando para as portas*) que dianho!...
E' que assim falta-me o ar; (*Ouve-se um gato*)
E demais a mais o gato
Ficou lá fóra a miar. (*Vai abrir outra porta e enxutar o gato*).

Era uma vez... Eu já digo
O que foi que aconteceu... (*Ouve-se um burro*)
O' maldito rocinante,
¿ Zuras tu, ou zurro eu?

Era uma vez... (*Ouve-se um cão arranhando a porta e a ladrar*)
¿ Quem 'stá aí?
¿ Té parece mangação! (*Vai vêr à porta*)
Só esta faltava agora... (*Vai vêr à porta*)
Não é ninguém, é o meu cão.

Que nesta humilde choupana
Há cachôrrros, burros, gatos,
Poleiros com papagaios,
E capoeiras com patos.

Uma Arca de Noé
Com imensa bicharia!
Ora, mas... vamos ao conto...
Por pouco que me esquecia.

O GATO

(A personagem entra com um gato nos braços)

Bôa noite, minha gente!
Eu vou bem, muito obrigada;
Apenas preocupada,
Por causa do pobre gato.

Coitadinho do farruco!...
Coitadinho do maltês!...
Calculem, há mais de um mês
Que êle não apanha um rato!

Esta noite (ah! que martírio!)
O pobre do meu bichinho
Miou tanto, coitadinho,
Nem deixou dormir a gente.

O papá, que tem mau gênio,
Atirou-lhe com um sapato.
Diz a mamã: — deixa o gato,
menino, dói-lhe algum dente...

Eu fiquei a matutar
(Podem crêr) se tal estado
Seria queixal furado,
Ou o dentinho do siso.

Não disse nada a ninguém,
Peguei na pobre gatinha
E fui logo direitinha
O dentista procurar.

O dentista não estava,
Tinha saído p'ra fora;
E, como havia demora,
Não quis saber de mais nada.

E' verdade! Entre os senhores
Haverá algum dentista?!
Não há?... não há?!... oh! não há?!
Pois então até à vista.

* * *

A Pombinha

(A personagem entra com uma pombinha nas mãos)

Estou muito af'lita,
Inquieta e descontente.
Sabem porquê, meus senhores?
— A pombinha está doente...

Deu-lhe uma dôr de cabeça,
Hontem, assim, à tardinha;
Só quer estar deitada,
Metete pêna, coitadinha!

Tem um fastio de morte,
Já nem dôce quer comer!
E' preciso estar bem mal
Para tal coisa fazer.

Ela que era tam gulosa,
Ainda mais do que eu!...
Isto dá-me que pensar...
¿E, se ela fôsse para o céu?...

Lá para o céu das pombinhas
Que eu creio há-de haver...
Mas não quero que ela vá...
— Dizei-me o que hei-de fazer?

Mandar chamar o doutor
Parece que é o melhor,
Antes que lhe volte a febre
E ela fique pior.

Bôas noites, meus senhores!
Desculpem, façam favor.
Eu vou dizer à mamã
Para chamar o doutor.

* * *

BEIJOS, NÃO.

(MONÓLOGO PARA MENINA PEQUENA)

Bôa noite, meus senhores
E senhoras, como vão?
Há hoje festa, há flôres,
Ornamentado o salão.

Eu vou bôa, agradecida,
De saúde felizmente.
Estou já muito crescida,
Sou senhora brèvemente.

Já que juntos aqui estão,
Hão-de todos concordar
Para ver se tenho razão
No que lhes venho contar.

E' já muito antiga usança,
A de tôda a gente dar
Beijos em qualquer criança,
Em vez da mão lhe apertar.

E' costume condenado
Pela alta Medicina,
Muito embora seja usado
Na roda de gente fina.

E sinto muito dizer
Que os homens, sim, francamente,
A brincar ou a valer,
Vão dando beijos à gente.

Vem um velho, um desdentado,
Que de lançar faz desejos;
Vem um côxo, um aleijado;
Todos, todos nos dão beijos!

— E' já costume, afinal,
Dar um beijo, porque não?!
E' criança (dizem êles),
E' criança, não faz mal.

Há já dias uma velhota,
Já de bôca desdentada,
Deu-lhe para lá na telha,
Quis dar-me um beijo, a malvada!

Para ao beijo lhe escapar,
Com tal fôrça a empurrei
Que, quando me vinha beijar,
As lunetas lhe quebrei.

Em minha casa os criados
Já me não falam em tal;
Porque já sabem, coitados,
Que é perder tempo, afinal.

Um velhote que lá vai,
Que já mal se tem de pé,
Muito amigo de meu pai,
Traz chinó, cheira rapé,

Quis por fôrça, outro dia,
Dar-me um beijo, e eu não quis;
Que de rapé lhe pendia
Um grôssô pingô do nariz.

— Já lhe disse que não dou,
(Disse-lhe eu) não ouve ainda?!
— Dá-me um beijo (me tornou),
Dá-me um beijo, minha linda.

Quis fugir-lhe, mas em vão.
Agarrada me senti,
— Dá-me um beijo, porque não?—
E zás, deu-me um beijo aqui.

Tôda levada da breca,
Deitei-lhe a mão ao chinó,
E puz-lhe à mostra a careca,
Que não tinha um pêlo só.

Muitas coisas variadas
Ainda contar-lhes podia,
Peripécias engraçadas,
Mas fica para outro dia.

Meus senhores, até breve,
Desculpem se foi massada;
Muito respeito vos deve
A vossa humilde criada.

Se eu não fui impertinente,
E se me derem razão,
Palmas quero ter sòmente,
Vejam lá! mas, beijos, não.

OS TRÊS:

Tanto se me dá!

SOLO DE VALDEVINOS:

Massa, nunca trago;
 Nunca digo: — eu pago.
 Digo: — empresta cá,
 Digo: — empresta cá.

OS TRÊS:

Digo: — empresta cá.

CÔRO:

*Se um tipo apanhamos
 E bago notamos, etc.*

A BONECA PARTIDA

Meu irmão, o Eduardo,
 E' levadinho da breca:
 Vejam lá o que êle fez
 A' minha pobre boneca!

Era linda, linda, linda,
 Com seus doirados cabelos,
 E tinha uns olhos azuis
 Que fazia gôsto vê-los.

Fechava-os quando deitada,
 Mas em pé abria-os bem...
 Boneca tam engraçada
 Não na tinha mais ninguém.

Dizia: — papá, mamã,
 E tinha corda p'ra andar;
 Par'cia mesmo de carne;
 Até fazia pasmar!

Agora, porém,... é isto...
 Quebrou-ma tôda aos bocados!
 Ora vejam que desgraça!...
 Só por mal dos meus pecados.

Já não fala, já não anda,
 Coitadinha da boneca...
 Sempre aquele Eduardinho
 E' bem levado da bréca!

Ela aí está, tôda partida,
 Desfeita em mil bocadinhos!...
 Mas deixa estar, Eduardo,
 Que, em vindo o tempo dos ninhos,

Quando estiver's, mui contente,
 As gaiolas preparando,
 Hei-de te eu roubar os ovos,
 Sem tu saberes quem, nem quando.

Deixa estar, rico menino,
 Que papagaios, balões,
 Espadas e espingardas,
 Os arcos e os piões,

Tudo vai vingar a morte
 Da minha bela Adozinda,
 Que aqui jaz, tôda em frangalhos,
 Ela que era linda, linda...

Deixa estar... Mas não, não quero...
 Não te quebro um só brinquêdo;
 A vingança é coisa feia,
 Causa-me horror, faz-me mêdo...

Tu bem castigado ficas;
 Fica-te a alma a doer,
 Pois tens lá dentro o remorso,
 Que é a pênna do mal-fazer.

Eu ficarei tranqüila,
 Com a paz no coração,
 Porque, em vez de me vingar,
 Antes quis dar-te o perdão.

P. E. ZAMITH.

O BAPTISMO DA BONECA

(SCENA CÔMICA)

MARIA (EM PÉ E COM GRAÇA)

Junto de um berço adornado
com rendas d'alto valor,
vinte rostinhos alegres
se agitavam com ardor,
Falavam! As tagarelas!
Oh! Deus! que inventaram elas!
Vão um baptismo fazer.
Na festa nada faltava;
tudo ria e conversava
nêsse inocente prazer.

Mòlemente reclinada
no seu bercinho gentil,
a bonèquinha, enfeitada,
mostrava o rosto infantil;
a respeitável madrinha,
que apenas dez anos tinha,
em seus braços a tomou;
e toda a turba, apinhada
ao redor da baptizada,
em grupo se amontuou.

Doces, confeitos, gelados,
com gostos e com profusão,
as louquinhas tudo haviam
preparado de antemão;
que hoje em dia, felizmente,
uma boneca decente
não se pode baptizar
sem flores e doces finos...
Nem os repiques dos sinos
lhe deveriam faltar!

Apenas cada menina
o seu bolinho comeu,
a respeitável madrinha
à festa princípio deu.
Minhas amigas queridas,

que estais aqui reünidas
para a Bèbé baptizar:
já que fostes convidadas,
fingi que sois bôas fadas
e vinde a Bèbé fadar.

Tu, primeiro, Margarida,
responde: que lhe darás?
— Eu quero que seja linda.
E tu, Rosa, que lhe dás?
— Eu concedo-lhe a riqueza.
E tu, pequena Theresa?
— Eu, quero que dance bem.
— Eu que ela tenha talento.
— Eu, que nem um só momento
cause desgostos a ninguém.

— Eu dou-lhe um riso engraçado.
— Eu uns dentes de marfim.
— Eu uns olhos de safira.
— Eu uns lábios de carmim.
— Eu uns cabelos dourados,
lustrosos e encanudados.
— Eu... não sei que dar-lhe mais!
— Basta, filhas, (diz sorrindo,
a mestra que estava ouvindo)
já mais dotes não achais?

Pois que à vossa afilhadinha
tantos dotes quereis dar,
dai-lhe mais um, que por certo
os outros faz realçar;
a par da infinda beleza,
do talento, da riqueza,
Das mais prendas que ela tem,
dai-lhe o véo com que se cobre
a virtude pura e nobre,
dai-lhe a *modestia* também!

O DINHEIRO

! O dinheiro é tão bonito,
Tão bonito, o maganão!
! Tem tanta graça o maldito,
Tem tanto chiste o ladrão!
O falar, fala de um modo...
Tôdo êle, aquele tôdo...
! E elas acham-no tam guápo!
Vêlhinha ou môça que veja,
Por mais esquiva que seja,
Tlim!
Papo.

Nessas espécies de exames
Que a gente faz em rapaz,
São milagres aos enxames
O que aquele démo faz!
Sem saber nem patavina
De gramática latina,
! Quer-se um rapaz dali fóra?
Vai êle com tais falinhas,
Tais gaifônas, tais coisinhas...
Tlim!
Ora...

! E a cegueira da justiça
Como êle a tira num ai!
Sem lhe tocar com a pinça;
E' só dizer-lhe: Aí vai...
Operação melindrosa,
Que não é lá qualquer coisa;
! Catarata, tome conta!
Pois não faz mais do que isto,
Diz-me um juiz que o tem visto:
Tlim!
Pronta.

! Aquela fisionomia
E lábia que o démo tem!...
Mas, numa secretaria,
Aí é que é vê-lo bem!
Quando êle de grande gala,
Entra o ministro na sala,
Aproveita a ocasião:
Conhece êste amigo antigo?
— Oh! meu tão antigo amigo!
(Tlim!)
Pois não!

JOÃO DE DEUS.

A FLOREIRA

Esta poesia dá grande resultado cantada por uma menina que venha muito bem ornamentada, trazendo um taboleiro de flôres suspenso do pescoço e apresentando-se acompanhada de várias meninas que, dispostas em semicírculo, também cantam qualquer música que lhe é facilmente adaptável.

Meu senhor, eu vendo flôres,
Mas ninguém m'as quer comprar,
São tam baratas, tam lindas!...
Mais lindas não póde achar!

Rosas de chá, margaridas,
E camélias em botão...
São tam lindas tam baratas,
Que de graça quási são!

Rôxos cravos, sempre-vivas,
Miosótes, flôr-de-liz...
Quem nas compra as lindas flôres,
Tam galantes, tam gentis!

Lindas flôres, quem nas compra?
Quem nas quer ao peito pôr?
Uma flôr com flôr ao peito
Cresce muito de valor.